

Os mapas insertos nas descrições e guias de viagem a Portugal editados nos séculos XVIII e XIX

Maps included in descriptions and travel guides in Portugal edited between XVIII and XIX centuries

Luís Paulo Saldanha Martins

Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CEGOT

Helder Trigo Gomes Marques

Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CEGOT

Mário Gonçalves Fernandes

Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CEGOT

RESUMO

A inclusão de mapas nos guias de viagem vulgarizou-se a partir do segundo quartel do século XIX, sobretudo com editores como Murray ou Baedeker, enquanto a sua difusão adquiriu significado a partir de meados do século.

Embora existam semelhanças com obras antes publicadas, sobressaindo o simbolismo de destrição social do “grand tour”, estes guias consubstanciam um novo período, com nova moldura informativa orientados para novos públicos, do “tourist” à média burguesia ascendente. Esta panóplia informativa, até pela inclusão de mapas de suporte aos itinerários propostos – de grande ou pequena escala¹ – destrição tanto a fase anterior como a seguinte mais seletiva e especializada.

Duma forma sinótica, estes guias revelam a modernidade decorrente do sedimentar do espírito naturalista, difundido por protobotânicos e protozoólogos, mas também a matriz romântica do conhecimento sensível, que releva peculiaridades e estética paisagista, diversidade de costumes ou confere identidade à multiplicidade de povos e nações.

Pretende-se realizar uma caracterização de mapas incluídos em guias, muitos disponíveis em bibliotecas virtuais, procurando escrutinar o lugar que tiveram nas narrativas sobre Portugal enquanto destino de viagem. Embora com os excursos necessários e, existindo pelo menos dois editores a publicarem guias com cerca

¹ No presente texto não se abordam os mapas de grande escala, como as plantas urbanas de Lisboa ou do Porto.

de vinte anos de intervalo (1864/1887 e 1869/1889) procedemos, no essencial, ao escrutínio dos fundamentos que eventualmente possam justificar a razão e o porquê dos editores incluírem mapas diferentes – no rigor e diversidade de informação – nas várias publicações.

PALAVRAS CHAVE: cartografia temática histórica; turismo.

ABSTRACT

The inclusion of maps in travel guides became popular from the second quarter of the nineteenth century, especially with publishers such as Murray or Baedeker, while their diffusion was been significant from the middle of the century.

Although there are similarities to previously published works, emphasizing the symbolism of social differentiation of the grand tour, these guides constitute a new period, with a new informative framework geared towards new audiences, from the “tourist” to the ascending middle bourgeoisie. This informational panoply, even by the inclusion of maps of support to the proposed itineraries – of great or small scale – distinguishes both the previous period as the more selective and specialized phase that follow.

In a synoptic way, these guides reveal the modernity arising from the sediment of the naturalistic spirit, spread by protobotanists and protozoologists, but also the romantic matrix of sensitive knowledge, which reveals peculiarities and aesthetic landscaping, diversity of customs or confer identity to the multiplicity of peoples and nations.

It is intended to carry out a characterization of maps included in guides, many available in virtual libraries, seeking to scrutinize the place they had in the narratives about Portugal as a travel destination. Although with the necessary ramblings, as at least two editors published travel guides about twenty years apart (1864/1887 and 1869/1889), we proceed to the scrutiny of the foundations that may possibly justify the reason and why editors include different maps – in the rigor and diversity of information – in the various publications.

KEYWORDS: historical thematic cartography; tourism

Preâmbulo

“... There are three main requisites to a Portuguese tour; ... good health, good temper, and the right time of year ... The first is essential for those who have to pass the extremes of heat and cold in one day, to live on such fare as broa and vinho-verde (maize-bread and the ordinary wine of the country) ... Good temper, which the handbooks for all European countries make so great a requisite, is ten times more essential here than elsewhere ; not only because a Portuguese will not be hurried, and will do your work in his own way and at his own time, but because, though the easiest of all people to be led, he is the worst to be driven ... “The right time,” says an experienced observer, “ in which to go, is April, before the spring showers are ended, and while the clouds give their shadows to the valleys, or their graceful drapery to the hill ...” (Murray, 1855/ 1856/ 1864/ 1875).

Desde sensivelmente a segunda metade do século XVIII e sobretudo no decorrer do século XIX, assistimos a um acelerado aumento da mobilidade, quer de pessoas, quer de mercadorias, consolidando a mundialização da economia, cuja génese se encontra na expansão marítima dos países ibéricos. Com a melhoria da segurança que se registou nas estradas, antes só adequadas a percorrer a cavalo ou por mula², depois com o intensificar do transporte marítimo, nomeadamente pela recurso ao barco a vapor, ou ainda pela consolidação do transporte ferroviário, sobretudo na segunda metade do século XIX, ocorreram profundas transformações tanto nos planos intelectual como comportamental.

O sucesso de autores de livros de viagem ou de editoras especializadas em guias de viagem, a exemplo de John Murray ou Karl Baedeker, é uma das múltiplas consequências das mudanças ocorridas. No

entanto, a inclusão de mapas nos guias consultados remete-nos, todavia, para o século XVIII, já que trabalhos como os «Annales d’Espagne et de Portugal» de Juan Alvarez de Colmenar (1707/ 1715/ 1741) ou a «Descrição topografica e historica da cidade do Porto» de Agostinho Rebelo da Costa (1789) disponibilizam na publicação mapas, respetivamente, de Portugal e da Província de Entre Douro e Minho, permitindo sublinhar um reconhecimento precoce da importância da identidade territorial através do conhecimento e da literacia cartográfica. Antes disso, e para o caso português, ainda que não contivessem material cartográfico e tenham permanecido manuscritas até bastante tarde, convém também relevar pelo menos as descrições territoriais e paisagísticas insertas quer no “Tratado sobre a provincia dentre Douro e Minho e suas avonanças copilado por mestre antonyo ...”. (1512) ou a “Descripção do Terreno em roda da cidade de Lamego duas leguas; Suas producções, e outras muitas cousas ...” (1531-1532), de autoria de Rui Fernandes.

Importa registar que a comparência de cartografia nos guias em análise nem sempre teve preocupações evidentes de rigor científico. Daí que outros, como é o caso «O’Shea’s Guide publicado to Spain and Portugal» de 1869 e 1889, o segundo numa fase técnica e tecnologicamente mais avançada, incluam mapas simplificados optando por versões com pouca informação e escasso rigor, ainda que seja evidente a utilidade no reconhecimento, ainda que simplificado, do território com a leitura dos mapas incluídos nas publicações.

Caracterizar os mapas incluídos em diversos guias, hoje em boa parte acessíveis em bibliotecas virtuais, a exemplo da BN de Portugal, permite estabelecer a articulação com diferentes fontes de informação sobre Portugal enquanto destino de viagem, essencialmente ao longo do decorrer do século XIX, o que poderá constituir um exercício enriquecedor para o conhecimento da construção da identidade pátria e do modo como Portugal seria identificado a partir do exterior. Em simultâneo, verificando-se existirem, com origem em editores diferentes a exemplo de Murray ou O’Shea, publicações editadas com cerca de duas décadas de intervalo, 1864/1887 e

1869/1889 respetivamente, pretende-se evidenciar alguns dos elementos destacáveis nos processos de atualização dos mapas que integram as diversas publicações.

A expansão dos livros e guias de viagem e a difusão do conhecimento

Com se disse, o século XIX, entre a força do vapor, a ampliação do conhecimento e da instrução ou os avanços cosmopolitas das sociedades mais evoluídas, assistiu ao grande “boom” das viagens por terra e por mar. Os livros guias constituíram um forte impulso para as experiências das elites mais instruídas e os editores de referência que, a partir de 1840, produziram e vulgarizaram guias de viagem referentes aos principais destinos europeus e outros como o Egipto ou a Índia. As viagens tinham adquirindo visibilidade sobretudo com a divulgação em sociedades de conhecimento, a exemplo das de Geografia, dos feitos de exploradores como Louis Bougainville, James Cook ou A. Humboldt, este na transição do século XVIII para o século XIX.

O prestígio dos guias de viagem, pela difusão conseguida, pelos públicos atingidos e por comentários publicados na imprensa coeva, também transcritos nos prefácios destas obras, é inquestionável. Lembre-se que no ano de 1859 John Murray editou “A Handbook for India” e “On The Origin of Species” por Charles Darwin³, factos editoriais de enorme alcance.

Em muitos casos, e face à imperfeição dos documentos cartográficos disponíveis, procura-se produzir cartas e figuras realizadas no local ele mesmo («ont été dessinées sur les lieux mêmes», Colmenar, 1707, p. 5), o que configura uma preocupação de alinhamento com o cientismo emergente, também geográfico, evitando – descartando

³ O título da publicação “On the Origin of Species” tem como subtítulo “Bymeans of natural selection or the preservation of favoured races in the struggle for life”. by Charles DARWIN, M.A., Fellow of the Royal Geological, Linnaean, etc., Societies; Author of “Journal of Researches During H. M. S. Beagle’s voyage round the World”. London: John MURRAY, Albemarle Street. 1859.

– o conhecimento fantasiado, a ilusão ou a imaginação desmedida. Nas palavras do autor das «delícias» referindo-se aos textos escritos por espanhóis ou portugueses a propósito dos respetivos países, são descrições vagas, hiperbólicas e pouco exatas, o que não admira num contexto marcado pela contra-reforma e pelo gosto pelas obras hagiológicas, de que é exemplo o “Ageológico Lusitano dos sanctos e varoens illvstres em virtvde do reino de portvgal e svas conquistas ...” de Jorge Cardoso e D. António Caetano de Sousa, publicado originalmente entre 1652 e 1744.

A inclusão de cartografia e desenhos de monumentos nos livros de viagens constitui, por isso, uma significativa rotura com o período de meras descrições pouco precisas e inspiradas em relatos sucessivamente transcritos, sem fontes identificadas e por vezes distorcidas. Ocorrem deste modo tentativas de objetivação e de territorialização da informação à medida que os livros de viagem tentam chegar a diferentes públicos como refere Don Juan Alvarez de Colmenar⁴. De qualquer forma, alguns dos guias do século XIX foram escritos pelos editores que também compilavam textos de origens diversas; o editor das “delícias” PIERRE VAN DER Aa, eventualmente, poderá encaixar neste quadro, tanto mais que se trata de um geógrafo holandês autor de numerosas obras.

Se na época renascentista Sá de Miranda (partiu para Itália em 1521, numa prolongada estadia de 5 anos, tendo visitado Roma, Veneza e Milão) e quase todos ditos eruditos só o eram depois de um banho de classicismo também nas ruínas da Toscana, seguem-se depois os ditos naturalistas a partir da expansão marítima hispânica, nomeadamente protobotânicos e protozoólogos. Depois vem o “grand tour” romântico, de conhecimento sensível à diversidade de povos e de paisagens, e é aqui que se situam as descrições de Portugal (incluindo os mapas de Portugal que eram conhecidos nomeadamente em França e Alemanha). Nalguns casos trata-se de meras descrições de usos e costumes assim como das paisagens, já não agora as exóticas dos trópicos mas antes as dos países periféricos da Europa, ainda que mal conhecidos como é afirmado no arranque do

⁴ A informação disponível sobre o autor é manifestamente insuficiente.

“A Handbook for travellers in Portugal”, o que ocorre na transição do século XVIII para o XIX e, o mesmo se lê na “Flore portugaise ou description de toutes les plantes qui croissent naturellement au Portugal” de autoria dos naturalista alemães Hoffmannsegg e Link, publicada em fascículos entre 1809 e 1840, sendo que neste último também se encontram tentativas de correção dos mapas que tinham sido feitos em cima do terreno. Claro que tudo isto ocorreu antes da implementação do caminho de ferro e da abertura que ocorre após a Regeneração e que culmina na propaganda e no autoconhecimento do país. A análise deste último aspeto foi já feita em textos anteriores que trataram diversas dimensões do quadro identitário português a propósito dos mapas de finais de XIX e início de XX⁵.

Formas de conhecimento diversificado, multidirecionado e atualizado

Sábios, geógrafos, estudiosos da guerra, negociantes, viajantes e curiosos encontram segundo as palavras do autor numerosos elementos de interesse nas “delícias” de Espanha e Portugal:

«Les Savans y verront, je m> assure, avec plaisir les belles Antiquitez, que nous y avons ramassées; les Géographes y trouveront l'exactitude de la Géographie; les gens de Guerre y apprendront quelles sont les Places fortes qui servent à la défense des Provinces; les Négotians y verront les lieux où le commerce est le plus florissant, & les choses dont il s'y fait un plus grand debit; les Voyageurs, qui ont vu l' Espagne & le Portugal, pourront repasser avec plaisir sur les beautez qu'ils y ont vues, & ceux qui ont dessein d'y aller, apprendront ici par avance ce qu'ils y trouveront de plus digne de remarque; enfin

⁵ Luís P. Martins; Mário G. Fernandes; (2013). “Cartografia, progresso e turismo: apontamentos sobre o ‘Mappa Excursionista de Portugal’ de 1907”. V Simposio Luso Brasileiro de Cartografia Histórica, Petrópolis. Luís Paulo Martins; Helder Marques; Mário G. Fernandes (2016). “O contributo da cartografia temática para a difusão do turismo em Portugal: exemplos e apontamentos de leitura”. Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica, p. 267-274.

les Curieux de toute sorte de rang & de profession y apprendront l'état de l'Espagne & du Portugal par rapport à la nature, au gouvernement & au peuple qui l'habite.» (Colmenar, 1707, p.7).

Os guias referidos ao longo deste texto referem, em particular os editados por Murray, a cartografia mais relevante que pode ser utilizada como fonte complementar. Em 1887 no guia Murray é produzido um comentário sobre a cartografia incluída com o seguinte teor, numa tradução livre: “O melhor mapa geral de Portugal e o único contendo as linhas de caminho de ferro construídas ou projectadas é o de Fred. Perry Vidal (1884) que pode ser comprado em Lisboa na Ferreira, Rua Aurea por 1000 reis ou 1500 reis colorido. Escala 1:600000. O mapa Vogel 1:1500000 no Stieler's Hand Atlas (Stanford, Charing Cross) é o melhor numa “small scale”. Este texto diverge significativamente daquele que se pode ler na edição de 1864: “... It follows that many maps of the country are extremely inaccurate. The best map, though on a small scale, is that published by the, Useful Knowledge Society; certainly the worst is Wyld's Chorographical Map, 1846. The former forms a travelling companion; the latter so mis-spells names, so misplaces situations, and is so utterly incorrect in its boundary-lines, that he who trusts in it will be most sorely disappointed. Most honourable exceptions, however, must be made of the Baron de Forrester's magnificent map of the Douro (Weale) from original surveys; and of the smaller map, attached to the Prize Essay: the former is one of the finest maps ever published” (Murray, 1864, p. x-xi).

É evidente que o mapa de Portugal de Murray de 1864 ainda não conhece a existência da *Carta Geographica de Portugal* de 1865, bastando observar o caso de Aveiro, por exemplo, para reconhecer soluções de representação arcaicas e recorrentes em inúmeros mapas anteriores construídos a partir de colagens e ajustamentos de outros. Em contraponto, também é claro que o mapa de Portugal de Murray publicado em 1887 já reconhece a *Carta Geographica de Portugal* de 1865, de forma direta ou indireta, no primeiro caso tendo de

basear-se também noutra mapa que incluía parte de Espanha (já que aquele não prolonga a representação pelo território espanhol) ou, no segundo caso, sendo extrato de algum mapa da península que, por sua vez, já considere o rigor da informação da *Carta Geographica de Portugal* de 1865.

Entre os mapas incluídos nas publicações do século XVIII sobre Portugal com formato guia de viagem, merecem um especial destaque a “Nouvelle Carte du Portugal et Algarve...” e a “Provincia de Entre Douro e Minho”. O mapa representando Portugal e denominado “Nouvelle Carte du Portugal et Algarve, avec les grands chemins, etc.” é uma das inúmeras versões organizadas a partir de outros mapas e assentes em representações mais ou menos arcaicas, as quais, com a imprensa, proliferaram pela Europa nomeadamente com o comércio promovido pelos impressores da Flandres, da Holanda e da Alemanha (Maria Fernanda Alegria e João Carlos Garcia, 1994, p. 11). Não sendo fácil enquadrar, entre dezenas, aquele exemplar publicado nos «Annales d’Espagne et de Portuga»¹ de Juan Alvarez de Colmenar (1741), Tome Troisieme, Amsterdam, Chez François L’Honoré & Fils, é elementar afirmar a sua filiação numa tradição que se alicerça em reproduções de exemplares baseados em inúmeras derivações a partir de vários autores, de entre os quais se salientamos mapas de Fernão Álvares Seco (ca. 1562), Nicolas Sanson d’Abbeville (1654) e Pedro Teixeira de Albernaz (1662), apresentando-se o último como a fonte mais plausível e recorrente para a maioria das publicações conhecidas (Luís Moreira, 2012, pp. 69-90).

Quanto ao mapa denominado “Provincia de Entre Douro e Minho”, incluído na “Descrição topográfica e historica da cidade do Porto” de Agostinho Rebelo da Costa (1789), trata-se de uma cópia/reprodução do mapa com o mesmo nome incluído em *Os Mappas das Provincias de Portugal*, de João Silvério Carpinetti Lisbonense, publicado em 1762, o qual se baseou em mapas já existentes gravados por Grandpré em 1730, parecendo os mapas de Carpinetti corresponder, segundo Luís Moreira (2012, p. 159), “a uma versão ligeiramente ‘retocada’ da original de Grandpré” (ver Luís Miguel Alves Bessa Moreira, 2012, *Cartografia, Geografia e Poder: o processo de construção da imagem*

cartográfica de Portugal, na segunda metade do século XVIII, Guimarães, Universidade do Minho, tese de doutoramento, policopiada, pp. 112 e 157-161). A certeza de que a versão utilizada por Agostinho Rebelo da Costa (1789) é a de Carpinetti, prende-se com o facto de, tal como neste, a cartela com o título ser geometrizada e a escala se localizar “na parte inferior do mapa e fora da esquadria, sendo um segmento de recta dividido em nove partes, em ‘Leguas Portuguezas de 18 ao gráo” (Luís Moreira, 2012, p. 159). Aliás, não surpreende a utilização por parte de Agostinho Rebelo da Costa, em finais do século XVIII, dos mapas de Carpinetti, visto que “estes mapas tiveram grande recetividade entre o público”, sendo vendidos em Lisboa e “reeditados pouco tempo depois” (Luís Moreira, 2012, pp. 158-159).

Epílogo

“In taking up *The Handbook for Portugal* the tourist must remember that he is about to read a description of a country less known to Englishmen than any other in Europe. There are fewer means of acquiring a knowledge of its local history and topography than are to be found with respect to any other kingdom; local guides, except for one or two of the largest cities, are almost unknown; large topographical works are extremely rare, and scarcely to be procured out of the country; the tours of English travellers are for the most part so inaccurate as to be worse than nothing; and a Portuguese seems at present unable to comprehend the idea of travelling for pleasure through his country.” (Murray, 1855).

“... L’Espagne & le Portugal ont été peu connus des Etrangers dans ces derniers Siècles, soit à cause du peu de commerce qu’ils ont avec les Espagnols & les Portugais,

soit parce qu'on voit peu des Voyageurs tentez d'aller visiter ces Royaumes, soit enfin parce que les Espagnols & les Portugais eux-mêmes ne se sont pas empressez à faire connaitre leur pays aux autres, par de bonnes & d'exactes descriptions. ...” (Colmenar, 1707, p. 28, preface de l'auteur).

Ou seja, aparentemente todos os autores tanto no século XVIII como XIX dizem algo de semelhante, como mais tarde as mesmas afirmações continuam a integrar o discurso ainda que agora em publicações nacionais. Desconhecem-nos e desconhecemo-nos, apesar da cartografia. Nos guias de viagem consultados, como na atualidade, o discurso sobre os destinos de viagem é desenhado para concidadãos com preocupações e formas de leitura das diferentes realidades idênticas aos destinatários do discurso. Assim, a narrativa sobre os territórios quando da autoria de residentes surge frequentemente apologética enquanto as construções dos autores publicados, pretensamente mais realistas, enfermam de algum moralismo e as apreciações comparativas são particularmente desfavoráveis ao Sul mediterrâneo e lento. Este desajuste da realidade poderá servir, mesmo se forçado, como analogia para caracterizar a cartografia inserta, por vezes arcaica e raramente tirando proveito do rigor que a cartografia nacional coeva já permitia, particularmente no século XIX.

FONTES:

A Handbook for travellers in Portugal. A complete guide for Lisbon, Cintra, Mafra, The British Battle-Fields, Alcobaça, Batalha, Oporto, &c. Third Edition, Carefully Revised. With a Travelling Map (1864). London: John MURRAY, Albemarle Street. Paris: Galignani and Co.; Stassin and Xavier. Lisbon: Matt. Lewtas. <http://purl.pt/17115/4>

A Handbook for travellers in Portugal. A complete guide for Lisbon, Cintra, Mafra, Evora, the British Battle-Fields, Santarem, Alcobaça, Batalha, Coimbra, Busaco, Oorto, Braga, Guimarães, The Caldas and mountais-Passes, &c. Third Edition, Carefully revised. With a Plan of Lisbon and a travelling Map (1875). London: John MURRAY, Albemarle Street. Paris: Galignani and Co.; Boyveau. Lisbon: Matt. Lewtas. <https://books.google.com>

A Handbook for travellers in Portugal. With a Travelling Map (1856). Second Edition. London: John MURRAY, Albemarle Street. Paris: Galignani and Co.; Stassin and Xavier. <https://books.google.com>

A Handbook for travellers in Portugal: A complete guide for Lisbon, Cintra, Mafra, Evora, the British Battle-Fields, Santarem, Alcobaça, Batalha, Coimbra Bussaco, Oporto, Braga, Bragança, the Baths and mountain-passes, &c. with a short account of Madeira, the Azores, and the Canary Islands (1887). Fourth Edition, Carefully Revised. With plans of Lisbon and Oporto and a Travelling Map. London: John MURRAY, Albemarle Street. Paris: Galignani and Co.; Boyveau. Lisbon: Matt. Lewtas. <http://purl.pt/17160>

COLMENAR, Don Juan Alvares de (1707). *Les Delices de l'Espagne & du Portugal*, Tomo I, Leide, Chez Pierre Vander Aa.

COLMENAR, Don Juan Alvares de (1741). *Annales d' Espagne et de Portugal*, Tome Troisieme, Amsterdam, Chez François L'Honoré & Fils.

COSTA, Agostinho Rebelo da (1789). *Descrição topografica e historica da cidade do Porto*, Porto: na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro.

Handbook for travellers in Portugal. With a Travelling Map (1855). London: John MURRAY, Albemarle Street. Paris: A. & W. Galignani and Co.; Stassin and Xavier. <https://books.google.com>

Hints to travellers in Portugal, in search of the beautiful and the grand. with an itinerary of some of the most interesting parts of that remarkable country (1852). London: John Murray, Albemarle Street.

Hints to travellers in Portugal, in search of the beautiful and the grand. with an itinerary of some of the most interesting parts of that remarkable country (1853). - Second edition. - London: John Murray, Albemarle Street.

Nouvelle Carte du Portugal et Algarve avec les grands Chemins grabado de Alvares de Colmenar en 1715 in COLMENAR, Don Juan Alvarez de (1715). Les Delices de l'Espagne & du Portugal, Tomo I, Leide, Chez Pierre Vander Aa.

O'Shea's Guide to Spain and Portugal (1889). Edited by John LOMAS. Eighth Edition Edinburgh: Adam & Charles Black Paeis: Galignani, MDCCCLXXXIX. <https://archive.org/details/osheasguidetospa00osherich>

REFERÊNCIAS:

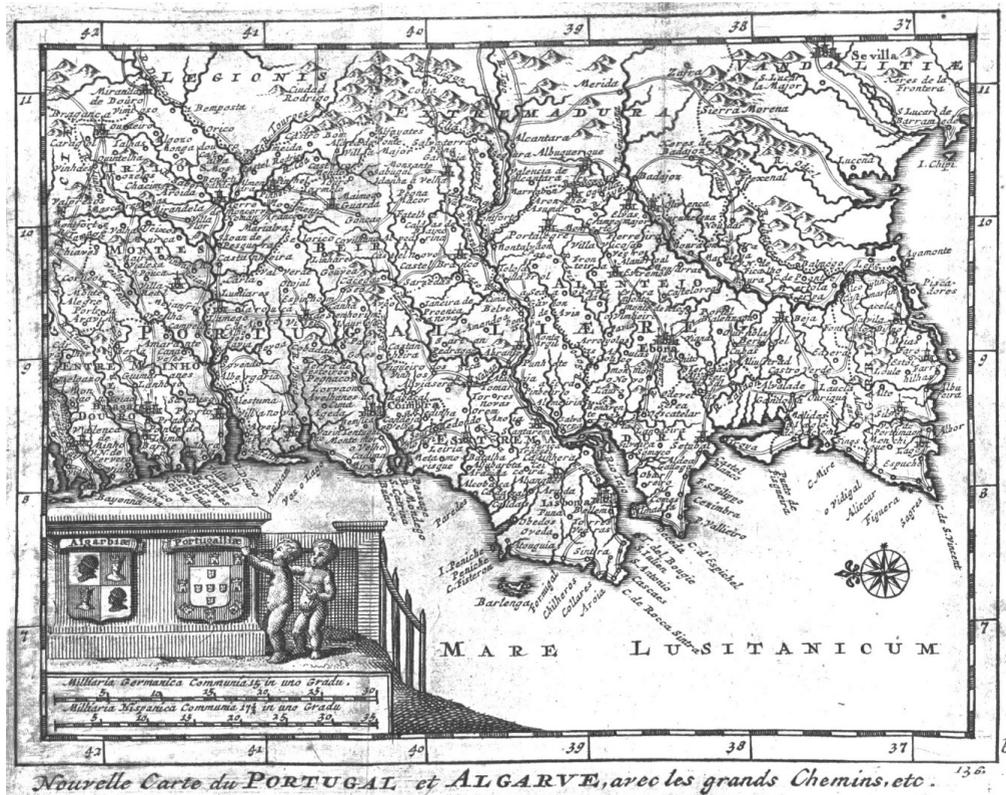
ALEGRIA, Maria Fernanda e GARCIA, João Carlos, 1994, *Cartografia Impressa nos séculos XVI e XVII Imagens de Portugal e Ilhas atlânticas*. Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses.

MARTINS, Luís P.; FERNANDES, Mário G. (2013). “Cartografia, Progresso e Turismo: apontamentos sobre o ‘Mappa Excursionista de Portugal’ de 1907”, *V Simposio Luso-Brasileiro de Cartografia Historica*, Petropolis, Brasil, 2013-11-26.

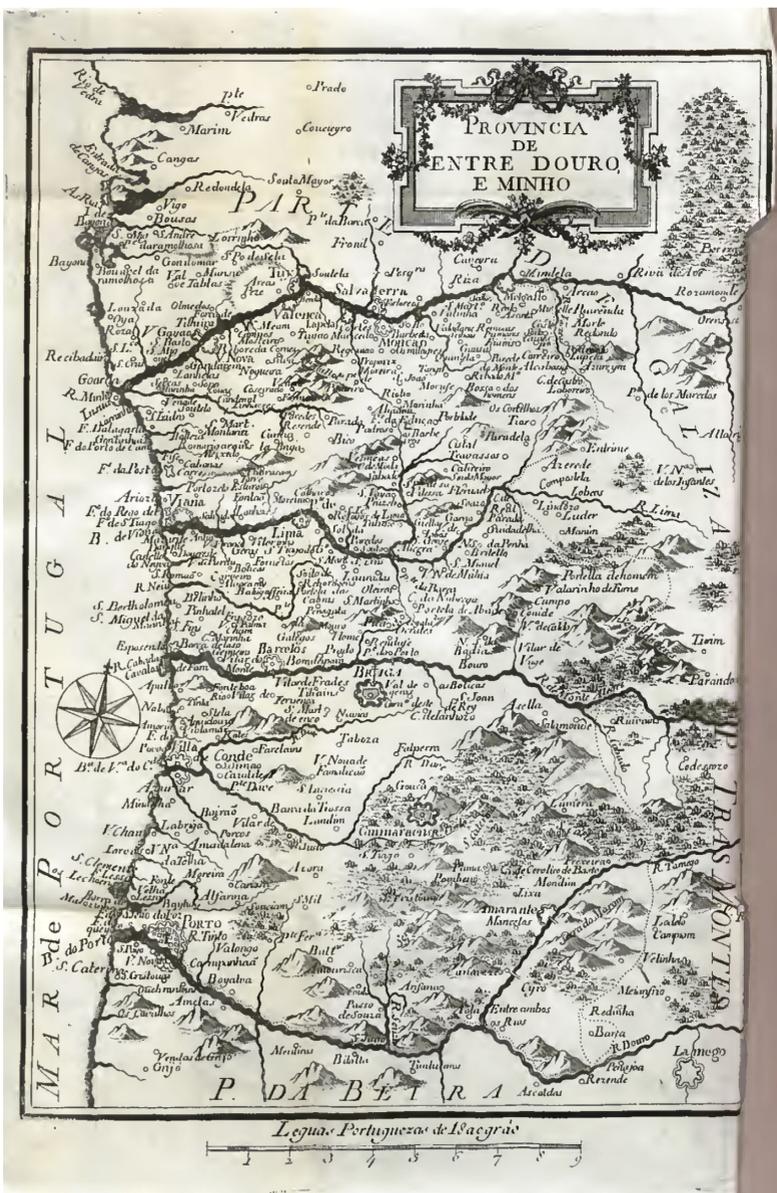
MARTINS, Luís P.; MARQUES, Helder; FERNANDES, Mário G. (2016). “O contributo da Cartografia Temática para a difusão do Turismo em Portugal: exemplos e apontamentos de leitura”, *Atas do VI Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*, Porto, FLUP, pp. 267-274. (ISBN digital: 978-989-8648-56-3; <https://drive.google.com/drive/folders/0Bwsj4eeTvlPXcEVYSU9YM0FhWjA>).

MARTINS, Luís Saldanha (2011). *Os guias de viagem, a cartografia e os fundamentos do turismo*. In IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica, Porto, Novembro de 2011. (<http://eventos.letras.up.pt/ivslbch/comunicacoes/113.pdf>; ISBN digital: 978-972-8932-88-6).

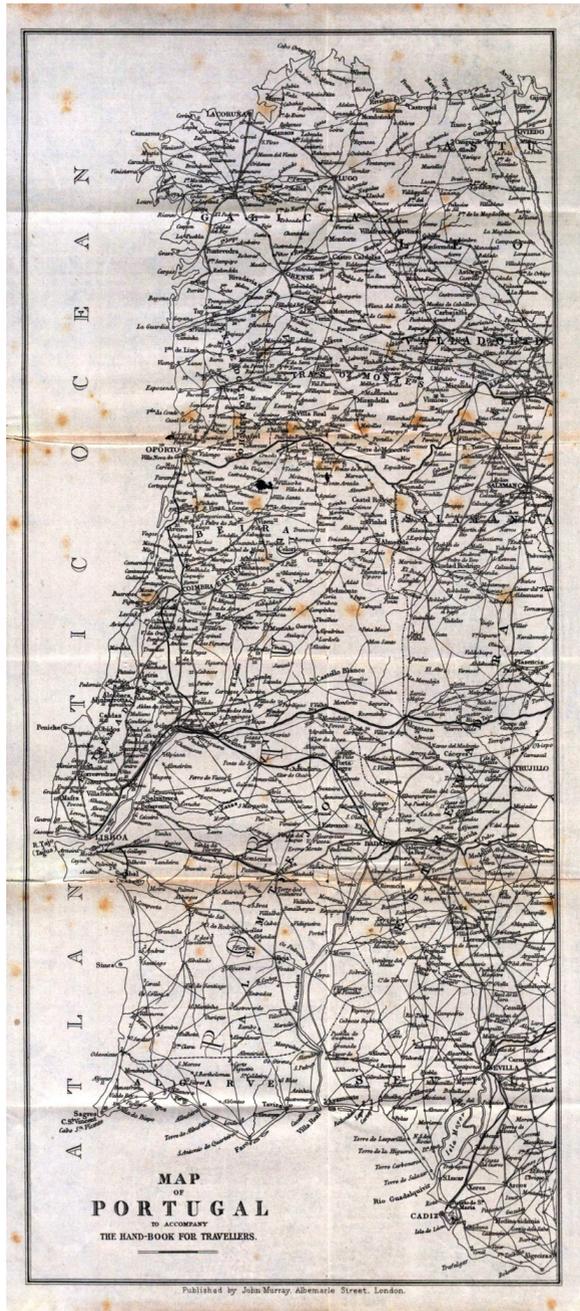
MOREIRA, Luís Miguel Alves Bessa, 2012. *Cartografia, Geografia e Poder: o processo de construção da imagem cartográfica de Portugal, na segunda metade do século XVIII*, Guimarães, Universidade do Minho, tese de doutoramento, policopiada.



Annales d' Espagne et de Portugal, par Don Juan Alvarez de Colmenar, Tome Troisieme, Amsterdam, Chez François L'Honoré & Fils, 1741.

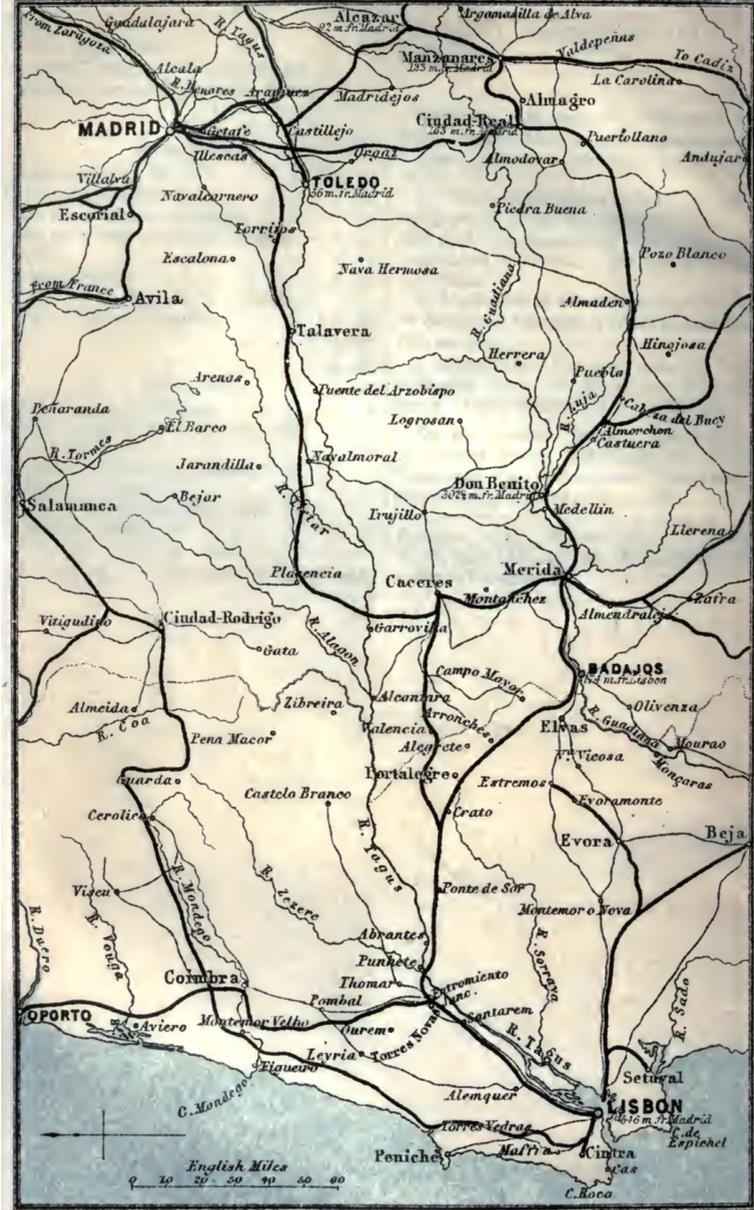


Descrição topografica e historica da cidade do Porto, Agostinho Rebelo da Costa, 1789



"A Handbook for travellers in Portugal... With a travelling map. John Murray. 1864".

MADRID TO BADAJOS, LISBON & OPORTO.



A. & C. Black, Edinburgh.

O'Shea's Guide to Spain and Portugal, 1889.